



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 24ª  
Reunião Ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico  
e Social**

**Palácio do Planalto, 27 de novembro de 2007**

Vocês estão percebendo que estamos de coordenador novo do nosso Conselho, nosso companheiro José Múcio, que tomou posse no lugar do ministro Walfrido.

Quero cumprimentar o companheiro José Múcio. Ele começou com muita vontade de trabalhar, porque eu tinha sugerido, no dia da posse, que seria melhor adiar o Conselho e marcar uma outra data para que ele pudesse tomar pé da situação. Ele preferiu manter a reunião, o que é uma demonstração de que está com uma disposição de trabalhar, que eu espero que tome conta do Miguel Jorge.

Queria cumprimentar os nossos conselheiros, as nossas conselheiras, e dizer para vocês poucas coisas, companheiros. Quando acabar de falar, vou ter que me retirar, José Múcio, porque o dia está cheio.

Nós estamos terminando o ano numa situação, eu diria, que muitos de nós, durante muito tempo, não acreditávamos que seria possível chegar ao final de 2007, na situação em que estamos chegando. Acho que há a compreensão da maioria da sociedade de que o Brasil amadureceu e está se encontrando enquanto nação. Eu acho que, aos poucos, vai tomando conta da sociedade brasileira a idéia de que depende muito mais de nós mesmos do que dos agentes internacionais. Obviamente que não estou desconhecendo que a economia internacional indo bem, tudo vai melhorar para o Brasil. Mas nós estamos vivendo uma fase em que, não só do ponto de vista internacional, as coisas estão mais ou menos ajustadas, e precisamos continuar ajustando, sempre olhando para os passos que a China vai dando, sempre olhando para



os passos que a Índia vai dando, porque são dois bilhões e 300 milhões de habitantes que, há 30 anos, não eram contados na economia global, não eram levados em conta nas reuniões comerciais feitas no mundo e, agora, são dois países que estão quase como centros das disputas das grandes economias para a venda dos seus produtos.

Quando eu digo que é preciso olhar com dois olhos é porque o Brasil está nesse jogo, e o Brasil tem espaços a disputar neste mundo globalizado, alguns deles junto com Índia e China, e alguns deles, disputando com China e Índia. Mas o que é mais sagrado para mim é que nós temos uma novidade na economia brasileira, que é o crescimento do mercado interno. Finalmente, a parte mais pobre da população brasileira também está virando consumidora, não consumidora ainda de bens duráveis, de coisas muito sofisticadas. Mas o comércio está demonstrando que, certamente, teremos um dos melhores natais da história do Brasil.

Eu estou vendo aqui alguns companheiros criadores de gado e vendedores de carne. Eles sabem que estão vendendo muito e que o pobre está comendo carne, o que não era muito habitual na nossa vida. As donas-de-casa estão consumindo aquilo que, até então, era só para setores médios da sociedade, não só porque, com a globalização, esses produtos todos baixaram, mas também porque as pessoas começaram a adquirir o sabor de consumir alguma coisa.

Os empregos estão crescendo. Estou vendo a construção civil, aqui, feliz da vida. Mais feliz ainda ficarão quando encerrar o leilão da nossa famosa e complicada hidrelétrica do rio Madeira, primeiro Jirau e depois Santo Antônio. Esses dias, estive conversando com algumas pessoas, os estudos sobre Belo Monte estão avançando bastante. Mas, sobretudo, a construção civil na área de habitação.

Eu penso que nesses últimos 26 anos os empresários não viveram, ou não viviam, o momento em que estão vivendo agora. Não só porque começa a



crescer a quantidade de trabalhadores que podem comprar uma casa financiada, como o sistema financeiro, depois das mudanças que foram feitas, se abriu para financiar habitações para o setores médios da sociedade. Eu acho que nós vamos ter um crescimento na construção civil – meu caro João Paulo Reis Velloso – como tivemos na década de 70, logo depois... Não, em 67, 68, quando foi introduzido o Sistema Financeiro de Habitação. Deus queira que seja por muito tempo.

Nós estamos preocupados com a falta, a pouca oferta de alguns produtos, que começam a ser vítimas do crescimento da construção civil, sobretudo na área de cimento. Hoje o ministro Guido teve uma reunião com os setores produtores de cimento. Nós precisamos construir algumas fábricas, a Votorantim já anunciou a construção de mais 10 fábricas e a Camargo Corrêa, de mais duas. Ou seja, é importante que a gente agora se prepare para atender a demanda. Passamos a vida inteira reclamando que não tinha demanda. Na medida em que começa a aparecer a demanda, é preciso que nós nos preparemos.

Todos vocês aqui, dos sindicalistas aos empresários, sabem que o processo de crescimento de uma economia começa assim: a economia começa a crescer e a primeira coisa que os empresários fazem é convocar horas extras. Depois que convocam hora extra uns seis meses, os empresários começam a convocar um terceiro turno. Depois de convocar um terceiro turno por uns seis meses ou um ano, aí não tem jeito, tem que aumentar a fábrica. Ou constrói uma nova planta, ou aumenta um galpão. Alguma coisa tem que fazer para atender a demanda.

Eu não sei se eu disse aqui, da outra vez, mas eu tive uma reunião com a Petrobras, e o setor de petróleo, no mundo inteiro, está vivendo uma situação muito interessante. A demanda é muito grande por pesquisa, prospecção, extração de petróleo, e as empresas que atendem o mercado não estão conseguindo suprir a demanda das empresas petroleiras. A Petrobras, por



exemplo, que tem 65 mil fornecedores, tem uma série de fornecedores que demoravam 240 dias para entregar uma encomenda e estão pedindo hoje 400 dias para entregar uma encomenda.

E, isso, em outros setores da sociedade. A indústria automobilística, eu convivo com ela desde 1968, e só via a indústria automobilística chorar que fechava no vermelho, Toninho Trevisan, eu nunca vi nada fechar tanto em vermelho como a indústria automobilística. A indústria automobilística, há dois anos, está produzindo como nunca produziu no Brasil, está vendendo como nunca vendeu, no Brasil. A tendência natural é a situação melhorar, daqui para a frente, sobretudo depois que nós apresentarmos a nossa proposta de política industrial, que agora tem um *time* político para apresentá-la. Eu vou entrar nesse *time* político já, já. Nós tínhamos interesse de, nos próximos 15 dias, apresentar a proposta de política industrial, que nem eu a conheço ainda. Amanhã, talvez, tenha uma apresentação da política industrial para mim.

Como queríamos apresentar a política tributária, e não vamos apresentar. E por que não vamos apresentar? Porque eu não sei o que vai acontecer. Portanto, eu vou esperar para ver o que vai acontecer com a CPMF, para que a gente possa discutir a política tributária. Eu sei que alguns companheiros do Conselho gostariam que apresentássemos ontem mas, além do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, eu tenho o Conselho Político, que envolve deputados representando todas as forças políticas do Congresso Nacional, os presidentes dos partidos e senadores, que acharam por bem a gente não misturar o debate da política tributária com a questão da CPMF. Uma coisa em cada tempo. Eu espero que a CPMF possa ser resolvida nos próximos dias, depende do Senado. Portanto, vamos segurar a apresentação da proposta de política tributária, como vamos segurar a proposta da política industrial.

A proposta de política industrial, eu penso que será uma coisa extremamente importante para o País. Ela traz, eu diria, novidades para alguns



setores da economia, ela traz um processo de desoneração razoável para a economia. Agora, nós também não vamos colocar dentro da mesma sala de aula alunos de anos diferentes, de cursos diferentes. Vamos aguardar resolver um problema para depois, então, discutir os outros dois problemas.

O que eu queria tranquilizar o Conselho é que num país democrático como o nosso, que aprendeu a viver em democracia; num país como o nosso, que já fez *impeachment* de presidente; num país como o nosso, que já sobreviveu à renúncia de presidente, o que tem que nos dar tranquilidade é que o processo democrático, na medida em que ele se consolida, ele permite que a gente possa viver momentos de discordância política, sem que isso abale um milímetro sequer a economia do País. Se alguém pensa que, por conta de nervosismo político, nós vamos permitir que a economia brasileira desande, pode saber que vai perder dinheiro nessa aposta, porque nós iremos fazer todos o esforço para que a inflação continue controlada. Eu digo sempre: eu já vivi do outro lado, quando a inflação era de 40% ao mês. Eu sei o que é um peão receber o seu salário, não ter conta bancária remunerada e não saber o que fazer com os 10 reais que sobravam para ele, depois de pagar as despesas, porque a inflação ia comer a cada dia. Portanto, manter a inflação controlada, para mim, não é apenas uma decisão econômica, é um valor de conquista das pessoas mais pobres deste País e de toda a sociedade brasileira. Então, agora, nós temos que começar o ano...

Sempre que a economia vai bem, aqui tem ministros que já passaram por isso, aparece gente querendo: "Bom, agora, vamos à farra do boi, agora vamos resolver todos os problemas que estão há um século para serem resolvidos, vamos resolver agora". Não vai ter isso. Com o mesmo cuidado com que chegamos até agora, com a mesma responsabilidade com que chegamos até agora, nós vamos enfrentar o ano de 2008 que, certamente, será melhor do que o de 2007. Vamos enfrentar o ano de 2009 que, certamente, será melhor do que o de 2008, e vamos chegar a 2010 e entregar



este País para um novo presidente da República organizado, arrumado. Que nenhum empresário ou nenhum trabalhador tenha medo de que o próximo presidente da República vai facilitar a fuga de capitais, que vai voltar a inflação, que os estrangeiros não vai investir. Eu só peço a Deus que, quando terminar o meu mandato, esses discursos não sejam motivo e nem razão para o debate econômico do País.

Portanto, eu quero agradecer a vocês, companheiros. Eu sei que, muitas vezes, é difícil tirar vocês da terra de vocês, de São Paulo, do Rio de Janeiro, de outros estados da Federação para vir para uma reunião, muitas vezes vocês fazem sacrifício para vir aqui. Mas eu queria dizer para vocês que eu sou agradecido, porque vale a pena o pouco tempo que vocês passam aqui dentro. Como orientação, até nos momentos de divergências, vocês não sabem como é bom, a gente que governa, de vez em quando ter alguém dizendo não para a gente. Quanto é bom, às vezes, ter alguém dizendo que a gente está errado, que a gente está exagerando. O correto, na vaidade do politiquês brasileiro, seria só ouvir gente falando bem, só números positivos, só coisas boas. Mas a vida real não é assim, e eu prefiro viver a vida real.

Quero agradecer, José Múcio... Eu vim só atrapalhar a reunião, mas eu não poderia... não sei se vou ver mais companheiros aqui... Quero agradecer ao Rigotto pelo trabalho que ele está nos prestando na questão da política tributária, em nome do Conselho. Eu estou convencido de que nós vamos votar a política tributária e, desta vez, nós vamos deixar claro quem é que não quer votar a política tributária. Vamos ter que dar nome aos bois, por que determinadas pessoas não querem a política tributária, porque no discurso todo mundo é favorável. Eu não vou fazer como eu fiz em 2000, que apresentamos a proposta de política tributária, depois ninguém queria votar e a culpa ficou no governo. Não, agora vamos dizer porque tal pessoa não quer a política tributária, porque tal deputado está atrapalhando, porque tal ministro está atrapalhando, porque tal empresário está atrapalhando, porque tal governador



não quer, porque tal prefeito não quer, para as pessoas saberem, porque a proposta apresentada está bem trabalhada. Certamente, não esperem consenso, porque não vai ter consenso nunca. Em política tributária, em futebol e em religião, o dia em que tiver consenso é porque o mundo está próximo de acabar. Então, em política tributária, o Toninho Trevisan sempre vai dar um palpitinho contra uma coisa, querendo reduzir um pouco mais de imposto, desonerar mais um pouco, o Paulo Skaff sempre vai pedir um pouquinho mais, para reduzir os impostos. É assim, a vida é assim.

Agora, o dado concreto é que, em algum momento da história deste País, nós vamos ter que abrir mão das nossas intenções corporativas e pensar um pouco no conjunto do País, levando em conta que nós não podemos permitir, não é, Robson, que alguns estados percam e outros ganhem, sem que a gente faça um processo de concertação que garanta ao estado que perdeu ser ressarcido ao longo do tempo, até a política ficar justa para todo mundo.

Gente, de coração... alguns eu vou ver daqui para a frente. Eu tenho algumas viagens internacionais, e este mês, Miguel, o nosso tempo... Eu espero que você já tenha convidado o pessoal aqui para... Nós vamos ter uma série de viagens internacionais: nos dias 9 e 10 para a Argentina, nos dias 11 e 12 para a Bolívia, no dia 13 para a Venezuela, no dia 18 para o Uruguai, e nessas viagens sempre é importante a gente estar com um monte de empresários brasileiros, porque está na hora de a gente vender aquilo que a gente produz.

Um grande abraço. José Múcio, desculpe-me por tomar o tempo de vocês aqui, atrapalhar a fala da Viviane Senna, mas eu espero que vocês tenham a compreensão de que, pelo fato de ser o presidente, eu tinha que chegar e falar rapidamente.

Um abraço, companheiros.